

RIO, Marlon Machado Oliveira; NICOLAIDES, Christine Siqueira. "*Olha, teacher, acho que dá pra gente usar isso na sala de aula, né?*" – diferentes usos de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral da língua inglesa em contexto da escola pública pelo viés da teoria sociocultural. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 140-167, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

**"OLHA, TEACHER, ACHO QUE DÁ PRA GENTE USAR ISSO NA SALA DE AULA, NÉ?" – DIFERENTES USOS DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NO DESENVOLVIMENTO DA PRODUÇÃO ORAL DA LÍNGUA INGLESA EM CONTEXTO DA ESCOLA PÚBLICA PELO VIÉS DA TEORIA SOCIOCULTURAL<sup>1</sup>**

**"LOOK, TEACHER, I THINK WE CAN USE THIS IN CLASS, RIGHT?" - DIFFERENT USES OF DIGITAL TECHNOLOGIES IN ENGLISH ORAL PRODUCTION DEVELOPMENT IN PUBLIC SCHOOL CONTEXT THROUGH SOCIOCULTURAL THEORY**

Marlon Machado Oliveira RIO<sup>2</sup>  
(Colégio Batista, Porto Alegre – RS)  
[marlon.rio@acad.pucrs.br](mailto:marlon.rio@acad.pucrs.br)

Christine Siqueira NICOLAIDES<sup>3</sup>  
(Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS)  
[cnicolaides@unisinors.br](mailto:cnicolaides@unisinors.br)

**RESUMO:** O presente artigo discorre sobre o uso de tecnologias digitais adicionais aplicadas em um projeto colaborativo de ensino de inglês realizado em uma escola pública no Rio Grande do Sul, com o intuito de desenvolver a oralidade de estudantes neste idioma. Sob o prisma da teoria sociocultural, foi possível visualizar diferentes momentos de desenvolvimento da produção oral em inglês dos participantes da pesquisa. O uso das tecnologias digitais adicionais, bem como a colaboração entre os estudantes contribuiu para a criação de novas oportunidades e de diferentes engajamentos no desenvolvimento da produção oral em inglês.

**PALAVRAS-CHAVE:** Produção Oral; Ensino de Língua Inglesa; Tecnologias Digitais; Teoria Sociocultural.

---

<sup>1</sup> Este artigo apresenta dados e um recorte do aporte teórico mais profundamente trabalhado na tese do primeiro autor deste artigo.

<sup>2</sup> Doutorando em Linguística Aplicada pela UNISINOS – bolsista CAPES, Mestre em Linguística pela PUCRS, especialista em Educação pelo IFSUL-RS

<sup>3</sup> Professora-pesquisadora do PPG do programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da UNISINOS.

RIO, Marlon Machado Oliveira; NICOLAIDES, Christine Siqueira. "Olha, teacher, acho que dá pra gente usar isso na sala de aula, né?" – diferentes usos de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral da língua inglesa em contexto da escola pública pelo viés da teoria sociocultural. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 140-167, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

**ABSTRACT:** *This article regards the use of additional digital technologies applied in an English language teaching collaborative project, which took place in a State school in Rio Grande do Sul, aiming at developing the oral production of students in this language. Under the sociocultural theory background, it was possible to observe different oral production development episodes from the research participants. The use of additional digital technologies, as well as the collaboration among students assisted in the creation of new opportunities and of different engagements in the development of the oral production in English.*

**KEYWORDS:** *Oral Production; English Language Teaching; Digital Technologies; Sociocultural Theory.*

## **0. Introdução**

Muitos são os estudos no cenário internacional e nacional de ensino demonstrando os desafios enfrentados por professores de idiomas relativos ao desenvolvimento oral de aprendizes (LUCAS, 2001; LUOMA, 2004; RIO, PASIN, DELGADO, 2015). Mais especificamente sobre o desenvolvimento da produção oral de discentes em inglês, percebe-se um certo consenso de que os desafios são diversos e que em cada realidade de ensino torna-se necessário o uso de possíveis soluções para a heterogeneidade de entraves enfrentados por professores e aprendizes (ARAGÃO, 2017). Muitas vezes observa-se uma descrença na possibilidade de se desenvolver a produção oral em inglês, em especial, no contexto da escola pública (ARAGÃO, PAIVA, JUNIOR, 2017; MICCOLI, 2007), haja visto que o desenvolvimento da produção oral parece ser um dos mais difíceis de ocorrer (BURNS& GOH, 2012), por conta de diferentes fatores (precária formação acadêmica docente, ansiedade e problemas emocionais quanto à exposição para se comunicar em outro idioma, falta de oportunidades para se praticar oralmente o idioma, entre outros).

Ao mesmo tempo, desde a concepção e crescimento massivo da tecnologia nas últimas décadas, diferentes atitudes têm sido tomadas quanto ao uso de tecnologias digitais no ensino-aprendizagem de idiomas (ARAGÃO, PAIVA, JUNIOR, 2017), sejam estas no cenário internacional (CLAREY, 2007) ou brasileiro (COSTA, 2013; SANTOS, 2017), envolvendo resultados por ora positivos, bem como negativos em relação ao uso de tecnologias digitais (PAIVA, 2018). Se por um lado as tecnologias podem, por exemplo, propiciar a autonomia dos aprendizes de línguas ao se colocarem em papéis mais protagonistas em

RIO, Marlon Machado Oliveira; NICOLAIDES, Christine Siqueira. "Olha, teacher, acho que dá pra gente usar isso na sala de aula, né?" – diferentes usos de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral da língua inglesa em contexto da escola pública pelo viés da teoria sociocultural. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 140-167, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

seu processo de aprendizagem, por outro, aprendizes podem se sentir desorientados e com problemas de foco em seus objetivos, por não estarem suficientemente preparados para utilizar essas mesmas tecnologias em benefício do desenvolvimento de sua competência linguística.

Nota-se que ainda são poucos os estudos no cenário brasileiro relacionados ao uso de tecnologias digitais para o desenvolvimento da produção oral em língua inglesa, especialmente no cenário público de ensino (ARAGÃO, PAIVA, JUNIOR, 2017). Esse fator se deve talvez pela própria falta de recursos básicos de tecnologia nas escolas públicas como o acesso à internet, laboratórios de informática atualizados, sem mencionar a falta de pessoal especializado e de formação continuada docente com foco no uso de tecnologia para educação linguística (PAIVA, 2013).

Pelo fato de as tecnologias digitais oferecerem diversas facetas e oportunidades para o desenvolvimento da produção oral (PINHO, 2013), a presente pesquisa discorre sobre o uso de tecnologias digitais adicionais por alunos do ensino fundamental em uma escola pública no interior do Rio Grande do Sul, na qual uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental participou na elaboração, bem como no desenvolvimento de um projeto colaborativo intitulado *Mycity – My world*. Este teve por objetivo central o desenvolvimento da produção oral dos estudantes, uma vez que estes deveriam discorrer sobre a sua cidade, na intenção de apresentá-la, futuramente, ao mundo. Por meio de tarefas significativamente relacionadas à realidade dos alunos, foi possível promover muitos momentos de comunicação, aprendizagem e de desenvolvimento da oralidade em inglês.

Para o desenvolvimento do projeto foi utilizado o auxílio de uso de tecnologias digitais (aplicativos de idiomas, uso de computadores, celulares, vídeos, áudios e plataformas digitais de aprendizagem). Trazemos aqui um pequeno recorte desta experiência vivida durante o período de doutoramento do primeiro autor deste trabalho. Demonstra-se através dos excertos o desenvolvimento da produção oral por meio de colaboração entre os participantes da pesquisa, bem como são mostradas algumas crenças percebidas que surgem ao longo do processo da pesquisa sobre as potencialidades das tecnologias digitais para o ensino e a aprendizagem da língua inglesa na escola pública.

De maneira a especificamente compreender o desenvolvimento da produção oral com o auxílio de tecnologias digitais, o presente artigo é subdividido desta forma: na primeira seção trazemos algumas noções

RIO, Marlon Machado Oliveira; NICOLAIDES, Christine Siqueira. "Olha, teacher, acho que dá pra gente usar isso na sala de aula, né?" – diferentes usos de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral da língua inglesa em contexto da escola pública pelo viés da teoria sociocultural. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 140-167, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

sobre o que a literatura traz sobre a produção oral em língua adicional<sup>4</sup> dentro de uma perspectiva sociocultural (VYGOTSKY, 1997). Em outras palavras, partimos do pressuposto de que toda a aprendizagem é mediada por diferentes artefatos simbólicos e culturais, dos quais a língua é considerada a mais importante delas.

Na segunda seção expomos relevantes considerações sobre o uso de tecnologias no ensino/aprendizagem de inglês (PINHO, 2013; ARAGÃO, PAIVA, JUNIOR, 2017). Adicionalmente trazemos importantes estudos sobre o desenvolvimento da produção oral por meio do uso de diferentes tecnologias digitais em contextos de educação diversos, observando ambas as potencialidades e desafios trazidos pelo uso de recursos tecnológicos no desenvolvimento da produção oral em inglês.

A terceira seção concerne aos aspectos metodológicos e qualitativos desta pesquisa, bem como os mecanismos de análise dos episódios relativos ao uso de tecnologias digitais e o desenvolvimento da produção oral em inglês. Na quarta seção, trazemos então alguns dados que demonstram a mediação não só entre pares, mas também por meio do uso das multimodalidades das tecnologias digitais. Logo após à análise, trazemos as considerações preliminares sobre esta experiência de ensino-aprendizagem e como este estudo pode esclarecer alguns caminhos para o desenvolvimento da oralidade, não só no contexto de ensino e aprendizagem de escola públicas, mas de outros contextos diversos.

Passemos à primeira seção sobre a oralidade sob o prisma da Teoria Sociocultural (doravante TSC).

## **1. O desenvolvimento da produção oral em uma perspectiva sociocultural**

O ensino e aprendizagem da produção oral em língua inglesa tem sido objeto de muitos debates e nuances metodológicas através dos tempos (LEFFA, 2012). Hughes (2011) afirma que durante muito tempo o foco do ensino de línguas adicionais pautava-se apenas no ensino e aprendizagem de estruturas linguísticas. Acreditou-se por muito tempo que o desenvolvimento da oralidade viria após o aluno saber administrar

---

<sup>4</sup>Schlatter e Garcez (2012) defendem, entre outras razões, o uso do termo adicional no lugar de estrangeira, por entenderem que as línguas, na maioria das vezes são aprendidas com o que chamam de "comunicação transnacional". Em outras palavras, servem para comunicação entre pessoas de diferentes contextos socioculturais e nacionalidades. Sendo assim, não faz sentido uma distinção entre nativo e estrangeiro. Na mesma linha de pensamento, adotamos neste trabalho o termo língua adicional.

RIO, Marlon Machado Oliveira; NICOLAIDES, Christine Siqueira. "Olha, teacher, acho que dá pra gente usar isso na sala de aula, né?" – diferentes usos de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral da língua inglesa em contexto da escola pública pelo viés da teoria sociocultural. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 140-167, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

todas as estruturas aprendidas. Conforme apontam estudos atuais (FRAGOZO & MONAWAR, 2012; MICCOLI, 2017), esta perspectiva de ensino-aprendizagem de idiomas ainda permeia o cenário brasileiro. Aparentemente já há alguns avanços e desdobramentos quanto ao entendimento sobre o desenvolvimento da produção oral de estudantes de inglês, uma vez que a produção oral é muito mais complexa do que a mera pronúncia de palavras descontextualizadas, mais complexa do que o simples arranjo de palavras em uma sentença que posteriormente formarão frases mecanicamente ditas pelos estudantes (PAIVA, 2018). A antiga crença de que primeiro desenvolve-se o conhecimento linguístico estrutural e, posteriormente, a oralidade (já que a segunda "se desenvolveria naturalmente"), ainda está muito presente nas escolas brasileiras (SANTOS, 2017).

Dentre as possíveis razões para este fenômeno ocorrer tão preponderantemente está a concepção que os professores de idiomas possuem sobre a língua em si (CORREA, 2014). Quando estes percebem a língua como sendo puramente representada por estruturas linguísticas que devem ser ao máximo "corretamente" utilizadas, o que ocorrerá possivelmente é um ensino de línguas pautado exclusivamente no manuseio e na tradução de estruturas linguísticas, a fim de se ter conhecedores (e não falantes) do idioma estudado (ALMEIDA, 2013).

No presente estudo, entendemos a língua dentro do espectro da TSC. Assumimos nesta pesquisa que o significado de uma língua não reside nela própria. Na verdade, ele emerge dentro do próprio uso social de uma língua, a qual é transmitida dentro de diferentes *loci* socioculturais (WERTSCH, 1985, 1993). De acordo com Johnson (2009), a língua funciona como uma ferramenta psicológica de excelência, a qual é usada para fazermos sentido de nossas experiências ao longo de nossas vidas. A língua também é uma ferramenta cultural utilizada para compartilharmos experiências, formularmos e compreendermos o sentido destas experiências, ao passo que também somos capazes, por meio da língua, de transformar nossas experiências humanas em conhecimento cultural e até mesmo científico (SHULMAN, 1986). Isto significa que esta produção de sentido por meio *da* e *na* língua modifica tanto o ser humano como é capaz de transformar a própria língua, ocorrendo dentro de contextos sociais, físicos, históricos e culturais diversos, dentro de uma constelação de práticas sociais.

Conforme aponta Shulman (1986), torna-se importante compreendermos que a língua não pode ser distanciada das complexas dimensões econômicas, sociais, históricas, políticas e culturais dentro de um contexto tão rico de ensino-aprendizagem que é a escola. Destarte,

RIO, Marlon Machado Oliveira; NICOLAIDES, Christine Siqueira. "Olha, teacher, acho que dá pra gente usar isso na sala de aula, né?" – diferentes usos de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral da língua inglesa em contexto da escola pública pelo viés da teoria sociocultural. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 140-167, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

dentro de uma perspectiva sociocultural, a língua é entendida não como sendo imóvel, imutável, fixa e definitiva, mas como fluida e dinâmica, como uma ferramenta de mediação e dialógica de excelência, da qual os seres humanos podem fazer uso para a comunicação.

Por conta disso, compreendemos que a aprendizagem de uma língua, assim como o desenvolvimento de sua produção oral extrapola a mera aprendizagem de diferentes grupos de habilidades. Segundo Tílio (2019), uma língua é um direito à cidadania, a qual é legalmente garantida pela própria Lei de Diretrizes e Bases da educação brasileira, em seu 26º artigo<sup>5</sup>. Aprender uma língua adicional e, assim, ser capaz de nela se comunicar, engloba mais do que apenas ter diferentes conhecimentos sobre uma língua (sua pronúncia, expressões, estruturas frasais, entre outros). Trata-se de ter acesso a uma diversidade e pluralidade cultural extensivamente maior dentro de um mundo globalizado. Por meio da aprendizagem de uma língua, com práticas de ensino que estejam focadas nas motivações, nos interesses e nas necessidades dos alunos (TILIO, 2008), podemos empoderar nossos aprendizes para atuarem, interagirem, transformarem e serem transformados pelas próprias mudanças que estes trazem a seus diferentes contextos socioculturais.

O desenvolvimento da produção oral, dentro da perspectiva sociocultural, tão amplamente diferente daquela compartilhada por muitos profissionais dentro de suas práticas pedagógicas no ensino brasileiro, ocorre de maneira gradualmente processual. O desenvolvimento da produção oral, dentro da TSC, é correlato ao desenvolvimento de Funções Psicológicas Superiores (FPS) compartilhadas por Vygotsky (1997). Essas funções correspondem à atenção, pensamento, memória, imaginação e linguagem, com a finalidade de organizar adequadamente a vida mental e social de um indivíduo dentro de seu contexto sociocultural (WERTSCH, TULVISTE, 1992; PENUEL, WERTSCH, 1995). As Funções Psicológicas Inferiores (FPI), por outro lado, correspondem aos reflexos corporais e a comportamentos instintivos, com origem biológica, como capacidades humanas inatas, tais como a fome, sede e as quais são anteriores ao acesso à cultura e à linguagem.

Destarte, o desenvolvimento da produção oral é processual, uma vez que este é também um dos modos possíveis de produção de sentido e interação por meio da linguagem (VYGOTSKY, 2005). Dessa maneira,

---

<sup>5</sup> Acessado em <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11691973/artigo-26-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996> em 25/04/2020.

RIO, Marlon Machado Oliveira; NICOLAIDES, Christine Siqueira. "Olha, teacher, acho que dá pra gente usar isso na sala de aula, né?" – diferentes usos de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral da língua inglesa em contexto da escola pública pelo viés da teoria sociocultural. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 140-167, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

linguagem e pensamento interconectam-se, oferecendo a oportunidade ao aprendizes se desenvolver linguística e cognitivamente.

Sob o escopo epistemológico da TSC, o desenvolvimento da produção oral não ocorre pela simples memorização de palavras repetidas inúmeras vezes pelos aprendizes em uma aula de idiomas (JOHNSON, 2009). Pelo contrário, este desenvolvimento acontece dentro de um ambiente em que interações significativas emergem dos e entre os seres sociais, os quais estão trabalhando dialogicamente e colaborativamente na construção de sentido em uma língua adicional (KRAMSCH & SULIVAN, 1996). Por conta disto, cada sujeito possui seu próprio tempo e ritmo para desenvolver a produção oral esse processo não deve ser tomado como homogêneo, sem percalços ou obstáculos.

O desenvolvimento da oralidade de um(a) aprendiz de uma língua adicional está consideravelmente relacionado a sua participação em diferentes instâncias de uso da língua para diversos propósitos (JOHNSON, 2009). Ao poderem participar de modo mais engajado e colaborativo em diferentes atividades orais, maiores serão as oportunidades que o (a) aprendiz terá para desenvolver sua produção oral. De maneira sucinta, podemos dizer que o desenvolvimento da produção oral será dependente da interconexão das experiências anteriores individuais de um aluno e seus colegas, de seus contextos socioculturais onde estão localizados, assim como as necessidades destes aprendizes e *o quê* e *como* estes lidam com a produção oral neste processo contínuo de aprendizagem e, ao mesmo tempo, desenvolvimento.

A fim de que a produção oral seja desenvolvida de maneira significativa, alguns autores sugerem iniciativas para se trabalhar com os aprendizes, tais como a utilização de atividades de conversas informais, tarefas realizadas dentro de projetos e sínteses orais (KRAMSCH & SULIVAN, 1996; BATTISTELLA, 2015). O uso de tecnologias digitais também tem sido sugerido como uma importante ferramenta de apoio, a qual muito pode auxiliar no desenvolvimento da produção oral de estudantes (ARAGÃO, 2017; ARAGÃO, PAIVA, JUNIOR, 2017).

Por conta disto, passemos, portanto, à próxima seção, a qual lidará mais especificamente com o uso das tecnologias digitais dentro de uma perspectiva sociocultural para o desenvolvimento da produção oral em inglês.

RIO, Marlon Machado Oliveira; NICOLAIDES, Christine Siqueira. "Olha, teacher, acho que dá pra gente usar isso na sala de aula, né?" – diferentes usos de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral da língua inglesa em contexto da escola pública pelo viés da teoria sociocultural. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 140-167, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

## **2. O uso de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral**

Podemos afirmar que, diante do cenário global em detrimento da pandemia do Coronavírus (COVID-19), o qual tem assolado o planeta como um todo, as tecnologias digitais têm se apresentado como artefatos mediadores essenciais para levar a cabo tarefas básicas para o funcionamento de uma sociedade globalizada. Artefatos que nos auxiliam em serviços básicos que variam desde os pertencentes à rede bancária, empresarial e mesmo educacional. Nessa última, cujo envolvimento de professores e aprendizes é mais direto, parece que os trabalhos continuam se desenvolvendo, apesar das dificuldades encontradas diante do isolamento social, conforme aponta o recente estudo levantado por Zhou e colaboradores no contexto chinês (2020).

Todavia, independentemente da crise mundial por conta da pandemia do Coronavírus, o mundo tem passado, nas últimas décadas, por uma revolução em sua maneira de funcionar, dentro de suas engrenagens sociais (GRÜBLER, 2015; GÜLCAN, 2017), modificando atividades comuns do dia-a-dia. Essa revolução inclui, por exemplo, o uso do celular para diversas tarefas, tais como enviar e-mails, usar o despertador, realizar reuniões ou transmissões ao vivo em diferentes aplicativos e transações bancárias para evitar filas nos bancos. Esta nova paisagem virtual dentro de uma aldeia global (LÉVY, 1999) traz consigo uma metamorfose rápida como a de um clique de um *mouse* e cada vez mais difusa, heterogênea e complexa, atingindo diferentes locais de atuação na sociedade (GÜLCAN, 2017). O mesmo ocorre no cenário da educação (PINHO, 2013).

Na área de ensino de idiomas, em especial no desenvolvimento da produção oral em inglês, conforme apontam Aragão, Paiva e Junior (2017), ainda são escassos os estudos que trabalhem especificamente com o desenvolvimento da produção oral em língua inglesa. Paiva (2018) afirma que há poucas iniciativas para se encorajar estudos nesta área, haja vista o possível desconhecimento que alguns professores ainda possuem sobre o uso de tecnologias digitais, a falta de acesso a recursos tecnológicos, a presença de professores com forte medo ou receio a usarem tecnologias digitais (a qual é conhecida como *tecnofobia*, conforme aponta Thornbury (2002)), a formação pedagógica incipiente para o uso de tecnologias digitais em e fora da sala de aula ou a crença de que usar tecnologias em sala de aula seria uma "perda de tempo". Percebe-se neste interim a presença de muitos professores como *imigrantes digitais* (PRENSKY, 2010), aqueles que nasceram antes

RIO, Marlon Machado Oliveira; NICOLAIDES, Christine Siqueira. "Olha, teacher, acho que dá pra gente usar isso na sala de aula, né?" – diferentes usos de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral da língua inglesa em contexto da escola pública pelo viés da teoria sociocultural. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 140-167, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

do advento do uso da Internet e de tecnologias digitais em massa, bem como dos *nativos digitais*, os quais já nasceram dentro desta era de uso ininterrupto de tecnologias digitais em diferentes tarefas diárias.

Conforme apontam alguns autores (PINHO, 2013; YANGUAS & FLORES, 2014), essa diferença entre esses dois grupos pode gerar diversos conflitos de interesse e de aprendizagem em contextos escolares heterogêneos. Esses contextos podem variar de um aprendiz que está constantemente usando seu smartphone para visualizar vídeos, enviar mensagens no Instagram ou WhatsApp, uma aula em estilo "chalk-and-talk" (BROWN & LEE, 2015) até uma aula totalmente centralizada no professor, o que pode fazer pouco sentido para um indivíduo que se sente "conectado ao mundo".

Há também, contudo, dificuldades que os próprios aprendizes possuem para o desenvolvimento da produção oral em inglês (BURNS & GOH, 2012). Algumas destas dizem respeito à pronúncia, à gramática diferente da língua nativa (ARIFIN, 2017), à metodologia centrada mais na aprendizagem de estruturas do que na comunicação em si (ARAGÃO & SANTOS, 2015). Nota-se também a falta de preparo de professores e aprendizes para aulas mais comunicativas e centradas em uso relevante da língua para diferentes necessidades sociais da comunidade local (GILMORE, 2004), a falta de tempo e de oportunidades para aprendizes praticarem inglês tanto dentro quanto fora do contexto educacional (LUCAS, 2001). Conjectura-se ainda que aprendizes e professores possuam problemas para interagirem no idioma (RIO, DELGADO, GUIMARÃES, 2016) por conta do desnivelamento que possuem em inglês. Essas dificuldades interacionais podem ocorrer também por conta do medo, ansiedade ou sentimento de inferioridade que presenciam no momento em que vão expressar suas ideias diante de colegas em sala de aula (HORWITZ, 2001). Nesse sentido, diversos são os estudos que demonstram como a ansiedade em uma outra língua (denominada em inglês de *language anxiety*) e o medo de alunos/professores de cometer algum erro na frente dos outros pode afetar consideravelmente sua produção oral (HORWITZ, 2001, 2010).

Por conta disso, diferentes caminhos são tomados para se vencer tais obstáculos. As tecnologias digitais possuem um diferencial interessante no que concerne a própria produção da comunicação. Dentro de um aplicativo de celular, por exemplo, é possível que diferentes modalidades de sentido sejam construídas (SANTOS, GAMERO, GIMENEZ, 2014). Conforme aponta Moita Lopes (2005), é necessária a instrumentalização de aprendizes e professores para que eles consigam interagir dentro de redes multissemióticas (hipertextos,

RIO, Marlon Machado Oliveira; NICOLAIDES, Christine Siqueira. "Olha, teacher, acho que dá pra gente usar isso na sala de aula, né?" – diferentes usos de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral da língua inglesa em contexto da escola pública pelo viés da teoria sociocultural. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 140-167, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

vídeos, áudios, músicas, etc.), dentro de práticas de ensino e aprendizagem que envolvam o *letramento digital* (MOITA LOPES, 2010). Isto é, aulas de língua devem envolver o uso de práticas sociais situadas e que envolvam a participação colaborativa de agentes sociais conscientes de seus contextos socioculturais e históricos e das potencialidades que o uso adequado das tecnologias digitais pode trazer para uma comunidade local. A tecnologia é considerada, dentro deste contexto, como uma ferramenta de construção de sentidos, disputas ideológicas e como um importante local em que o repertório de construção de significados torna-se aparentemente infinito (BUZATO, 2006; NUSHI & MAKIABADI, 2018).

Alguns estudos apontam desenvolvimentos significativos da produção oral de aprendizes de línguas por meio do uso de tecnologias digitais em diferentes contextos (SUN, 2009; POP et al, 2011). Os autores coletivamente relatam que com o uso de tecnologias digitais eles puderam vencer o medo de se comunicar oralmente em inglês, uma vez que o nível de exposição deles parecia diminuir ao usarem tecnologias digitais e, assim, conseguiam se concentrar mais em atividades que fossem de seu interesse e com ferramentas tecnológicas de seu cotidiano (como o uso mais frequente do celular).

Paiva (2018) relata que o uso de tecnologias digitais permite que os estudantes também consigam fazer uso de diferentes modalidades de produção de sentido, tais como imagens, memes, emoticons<sup>6</sup> ou links de websites. Este uso consciente e participativo das tecnologias pode em muito estimular a colaboração entre os aprendizes bem como incentivar seu desenvolvimento e a autonomia para expressarem suas visões de mundo em atividades socialmente relevantes para seus contextos socioculturais. Isto, conseqüentemente, acaba gerando aprendizagens que não sejam mais oriundas apenas de seus professores, mas de diferentes mídias digitais tanto dentro quanto fora da sala de aula (YANGUAS & FLORES, 2014). Para tanto, a tecnologia digital expande consideravelmente o escopo de atuação, de aprendizagem e de produção significativa de sentido para professores de idiomas assim como para seus alunos (PINHO, 2013).

Sumariamente, nota-se que, dentro do arcabouço teórico-metodológico da TSC, a tecnologia digital não é apenas uma ferramenta potencial à aprendizagem, mas um importante ambiente mediacional e emancipador que oportuniza a interação social entre as pessoas e traz à

---

<sup>6</sup>Um emoticon é uma representação tipográfica de expressões faciais, como em :), e tem sido um fenômeno muito estudado na área da linguística, especialmente com o advento da Internet e de diferentes mídias digitais (PAIVA, 2016).

RIO, Marlon Machado Oliveira; NICOLAIDES, Christine Siqueira. "Olha, teacher, acho que dá pra gente usar isso na sala de aula, né?" – diferentes usos de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral da língua inglesa em contexto da escola pública pelo viés da teoria sociocultural. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 140-167, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

tona seus contextos socioculturais e históricos (SANTOS, GAMERO, GIMENEZ, 2014). Estes diferentes usos das tecnologias digitais acabam criando comunidades virtuais (FERREIRA & BIANCHETTI, 2004) por conta desta colaboração online (PINHO, 2013), as quais lutam por seus interesses sociais dentro de uma complexa e significativa rede de produção de sentido compartilhado colaborativamente por seus participantes interconectados.

Nota-se, com isto, a descentralização do professor em sua atuação pedagógica (BATTISTELLA, 2015). Havia antes a figura do professor como detentor primordial do conhecimento, aquele que auxiliaria na construção do conhecimento e que seria irrevogavelmente essencial para a construção do saber nas atividades escolares. No entanto, dentro de uma perspectiva sociocultural, os papéis de cada sujeito dentro da conhecida Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) parece sofrer modificações em sua essência (VYGOTSKY, 1997; SZUNDY, 2012). A presença de um parceiro mais capaz (More Knowledgeable One – MKO) dando suporte a alguém em desenvolvimento (Less Knowledgeable One – LKO), entre o limiar do nível de desenvolvimento real (em que um indivíduo soluciona de maneira independente diferentes problemas) e o desenvolvimento potencial (com a solução de um problema sob orientação de algum MKO) parece perpassar algumas alterações.

A título de exemplo, os professores, os quais anteriormente acreditava-se serem apenas aqueles que seriam mais capazes de ensinar do que seus aprendizes na construção colaborativa de conhecimento, parecem se tornar sujeitos ensináveis por seus aprendizes, os quais se tornam paralelamente parceiros mais capazes (SZUNDY, 2012; PINHO, 2013) para ensinar. Conforme veremos a seguir, diferentes aprendizes podem ensinar seus professores a manusear e a colaborativamente fazer uso das tecnologias digitais para diferentes propósitos.

Se antes imaginávamos o aprendiz como apenas aquele que seria ajudado, hoje percebe-se que tanto professores quanto aprendizes podem se desenvolver potencialmente com o uso colaborativo, emancipatório, significativo e contextualmente situado em seus ambientes socioculturais de atuação. Temos, portanto, professores que em determinado momento irão ensinar, mas que também estão dispostos a aprender com seus alunos, assim como alunos que conseguem aprender com seus docentes. Porém, são capazes de colaborativamente auxiliar e ensinar seus professores (SZUNDY, 2012), ampliando o escopo de atuação e colaboração de ambos os agentes no processo de aprendizagem.

RIO, Marlon Machado Oliveira; NICOLAIDES, Christine Siqueira. "Olha, teacher, acho que dá pra gente usar isso na sala de aula, né?" – diferentes usos de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral da língua inglesa em contexto da escola pública pelo viés da teoria sociocultural. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 140-167, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Após termos uma visão panorâmica das potencialidades das tecnologias digitais para o desenvolvimento da oralidade por uma perspectiva da TSC (VYGOTSKY, 1997; WERTSCH, 1993; JOHNSON, 2009), passemos à seção metodológica do presente artigo.

### **3. Aspectos metodológicos do presente-estudo**

O estudo<sup>7</sup> aqui retratado ocorreu durante um período de quatro meses em uma escola pública municipal de uma cidade na região metropolitana de Porto Alegre, em uma turma de nono ano, a qual possuía dez alunos, cinco do gênero masculino e cinco do gênero feminino, com idades variando entre os 14 e 16 anos de idade. Fez parte da pesquisa a professora ANN<sup>8</sup>, a qual já lecionava na escola havia 10 anos, desde o primeiro ao nono ano na mesma escola e TEACHER MARLON, o pesquisador que realizou este estudo.

Nos dados apresentados posteriormente, veremos dois episódios nos quais estarão presentes alguns estudantes, tais como LÊNIN, ÉRICA, ANDRI, JOSH, entre outros<sup>9</sup>, assim como os docentes que trabalharam com os alunos, os professores MARLON (pesquisador deste artigo) e a TEACHER ANN, os quais interagiram tanto no ambiente da sala de aula quanto pelo aplicativo WhatsApp. Os participantes da pesquisa já haviam tido diferentes experiências com a aprendizagem de inglês ao longo de seus estudos na escola. Para tanto, apresentamos neste artigo um pequeno recorte do que ocorreu durante esta pesquisa.

A maioria dos aprendizes desta turma havia estudado inglês somente na própria escola, com exceção de LÊNIN e JOSH, os quais já haviam estudado inglês por mais de dois anos em uma escola de idiomas privada. Ambos se consideravam acima do nível iniciante no idioma. Os demais aprendizes, diante dos questionários usados durante a pesquisa, responderam pertencer ao nível iniciante em língua inglesa, apesar de suas experiências de quase nove anos na escola com o idioma, pelo fato da instituição em questão iniciar os estudos de inglês desde o primeiro ano do Ensino Fundamental.

---

<sup>7</sup>Este estudo foi aprovado pelo comitê de Ética da Universidade Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), pela plataforma Brasil sob o processo de número 2.632.705 (CEP/CONEP, 2019), no dia 3 de maio de 2018.

<sup>8</sup>Os nomes dos participantes são fictícios, uma vez que foram escolhidos pelos próprios participantes da pesquisa para manter seu anonimato.

<sup>9</sup>Nomes de outros aprendizes participantes aparecerão nos excertos analisados por efeitos das interações selecionadas.

RIO, Marlon Machado Oliveira; NICOLAIDES, Christine Siqueira. "Olha, teacher, acho que dá pra gente usar isso na sala de aula, né?" – diferentes usos de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral da língua inglesa em contexto da escola pública pelo viés da teoria sociocultural. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 140-167, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

O projeto teve duração de quatro meses, os alunos e a professora de inglês participaram ativamente tanto na criação quanto no desenvolvimento do projeto denominado *Mycity – my world*, o qual teve como objetivo principal o desenvolvimento da produção oral dos estudantes. Para isto, estes precisavam apresentar a cidade deles em inglês e, para, em um futuro próximo, falar de sua cidade para o mundo. O projeto foi organizado por meio de seis tarefas principais, as quais, paulatinamente, tiveram a função de desenvolver diferentes tópicos concernentes à cidade dos alunos (localização de diferentes lugares, relato de atividades cotidianas dos alunos dentro e fora da realidade escolar, opinião que estes possuíam sobre a cidade na qual moravam, entre outros). Foram utilizados diferentes aplicativos para a realização destas atividades, tais como o Duolingo, WhatsApp, YouTube, Memrise, os quais, conjuntamente, fizeram parte das aulas dos alunos no desenvolvimento de sua produção oral.

Desta forma, a colaboração de todos os participantes foi primordial para que o projeto ocorresse da melhor maneira possível (PINHO, 2013; BATTISTELLA, 2015). Durante o estudo foram realizadas diferentes atividades, as quais ocorriam tanto dentro do espaço escolar quanto fora deste com o auxílio de diferentes tecnologias e mídias digitais (aplicativos de celular, câmera de celular, áudios, computadores, data-shows, aplicativos de aprendizagem de idiomas, músicas, entre outros). Por meio de seis tarefas principais focadas nas necessidades que os próprios aprendizes e professora apresentavam para a execução do projeto, elaboramos atividades que estivessem relacionadas ao contexto sociocultural destes participantes (JOHNSON, 2009) e que fossem relevantes para seu uso futuro da língua inglesa (TILIO, 2019).

Visualizaremos dois excertos de interações entre os participantes da pesquisa, sendo que o primeiro ocorreu presencialmente dentro da sala de aula e o segundo pelo aplicativo WhatsApp, no grupo de estudos do projeto criado pelos próprios aprendizes. A análise destes episódios ocorre por um viés interpretativista e qualitativo (JOHNSON & CHRISTENSEN, 2013, uma vez que intenta analisar e chegar ao sentido produzido pelos próprios participantes dentro de suas circunstâncias contingentes.

Para tanto, elencamos três perguntas de pesquisa para a análise dos referidos episódios:

1. *Como se desenvolve a relação dos aprendizes com o uso de tecnologias digitais para o desenvolvimento da produção oral em inglês?*

RIO, Marlon Machado Oliveira; NICOLAIDES, Christine Siqueira. "Olha, teacher, acho que dá pra gente usar isso na sala de aula, né?" – diferentes usos de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral da língua inglesa em contexto da escola pública pelo viés da teoria sociocultural. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 140-167, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

2. Como ocorre a relação da professora de inglês com o uso de tecnologias digitais para o desenvolvimento da produção oral de seus alunos em inglês?
3. Há indícios de colaboração entre os participantes da pesquisa quanto ao desenvolvimento da produção oral por meio do uso de tecnologias digitais?

Como se pode perceber, buscamos entender, até então, como ocorre a interação e colaboração (WERTSCH, 1993) entre os participantes da pesquisa dentro de um ambiente que estimule o uso de tecnologias digitais para o desenvolvimento da produção oral em inglês (JOHSON, 2009). Passemos à apresentação e análise dos dados.

#### 4. Análise e discussão dos dados

O primeiro excerto analisado diz respeito a interação entre os aprendizes LÊNIN, ÉRICA e ANDRI, a professora da turma e o próprio pesquisador que diz respeito à colaboração entre eles a respeito da utilização de um aplicativo de aprendizagem de inglês. Vejamos suas falas:

Excerto1 – Interação dos participantes em sala de aula	
1	<b>LÊNIN:</b> Fala sério, galera, <u>eu não consigo entender essa coruja verde!</u> argh...
2	<b>TEACHER MARLON:</b> Qual é o problema, LÊNIN? ÉRICA, <u>tu consegue ajudar ele,</u>
3	por favor?
4	<b>ÉRICA:</b> Sim, teacher (2) Ah, LÊNIN (1) <u>isso é bem simples!</u> ↑Tu só precisa clicar
5	aqui, e então, nessa outra opção, e, daí, tu clica nesse botão <i>Shareprogress</i> .
6	Okay, sr. espertinho? Haha =button, <u>okay, Mr. Smart?</u> ,haha =
7	<b>TEACHER ANN:</b> LÊNIN, <u>eu acho que tu precisa usar mais a tecnologia, querido. É</u>
8	<u>importante pra ti usar ela no futuro. (2). Eu não sou muito boa com a tecnologia,</u>
9	<u>mas, eu tenho aprendido tanto nesses dias, sabe?</u> ↑
10	<b>ANDRI:</b> Teacher Ann, <u>tu pode me ajudar aqui, também?</u> ↑ <sup>10</sup> <u>Eu acho que fiz algo</u>
11	<u>errado aqui ... Ish! (risos)</u>

Nesse primeiro excerto percebemos LÊNIN tentando manusear o aplicativo Duolingo<sup>11</sup>, o qual ele denomina *Coruja verde* (ícone que

<sup>10</sup> As normas de transcrição de áudios seguem os padrões estabelecidos no estudo de Batziakas (2017).

<sup>11</sup> Aplicativo usado para aprendizagem de idiomas, disponível em smartphones e computadores. Disponível no website: [www.duolingo.com](http://www.duolingo.com)

RIO, Marlon Machado Oliveira; NICOLAIDES, Christine Siqueira. "Olha, teacher, acho que dá pra gente usar isso na sala de aula, né?" – diferentes usos de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral da língua inglesa em contexto da escola pública pelo viés da teoria sociocultural. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 140-167, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

representa o aplicativo de celular). LÊNIN parece demonstrar uma falta de conhecimento quanto ao uso de tecnologias digitais para desenvolver sua produção oral em inglês, ao não saber manusear da melhor forma o aplicativo, embora ele seja considerado um nativo digital (PRENSKY, 2010). Alguns segundos depois o TEACHER MARLON (o pesquisador) pergunta a LÊNIN sobre o que havia ocorrido, com a intenção de ajudar LÊNIN em suas preocupações.

O professor pede ajuda a ÉRICA, a qual sempre foi muito prestativa, para auxiliar LÊNIN. Podemos notar a colaboração (VYGOTSKY, 2005) entre ÉRICA e LÊNIN, a qual utiliza tanto o português como a língua inglesa para auxiliá-lo. ÉRICA, de maneira mais descontraída, afirma que usar as opções do aplicativo é *bem simples*, ao mesmo tempo em que ela faz uma brincadeira em tom irônico a LÊNIN, ao dizer que ele só precisava fazer alguns cliques e compartilhar seu progresso no aplicativo, chamando-o de *senhor espertinho* (Mr. Smart), uma vez que, em outros momentos, LÊNIN frequentemente dizia aos outros que as atividades de inglês eram *bem simples*, sendo muitas vezes reconhecido como o par mais capaz (MKO). No entanto, LÊNIN assume a posição daquele menos capaz ou com menor conhecimento, um LKO dentro da terminologia sociocultural (WERTSCH, 1993). Percebe-se aqui que não apenas a colaboração, mas uma certa dosagem de competição estimula a participação dos aprendizes ao trabalharem com a tecnologia digital e ao desenvolvimento linguístico (JOHNSON, 2009).

A professora ANN, por sua vez, reforça a colaboração e a relevância de LÊNIN ter uma maior abertura para usar tecnologias, ao dizer que é importante a ele fazer uso de tecnologias, pois elas o ajudarão no futuro. Conseguimos visualizar assim o papel que a tecnologia digital possui na vida da professora, a qual argumenta não ser sua área de expertise, mas reconhece o quanto está aberta para aprender as potencialidades do uso de tecnologias digitais (BUZATO, 2006; NUSHI & MAKIABADI, 2018). Esta dificuldade apontada pela professora corrobora com o que a literatura compartilha sobre a dificuldade que professores de idiomas possuem com a utilização de tecnologias digitais, principalmente daqueles que apresentam aparente tecnofobia (THORNBURY, 2002), isto é, o medo excessivo e rejeição ao fazer uso de mídias, tecnologias ou ferramentas digitais.

Nota-se, também, que, ao mesmo tempo que a professora enfatiza o uso de tecnologias digitais, ao cobrar de LÊNIN o uso destas, ela também faz uso de palavras que atenuam sua exigência, como *querido* e o verbo *sabe*, no final de sua fala. Tal utilização de lexemas

RIO, Marlon Machado Oliveira; NICOLAIDES, Christine Siqueira. "Olha, teacher, acho que dá pra gente usar isso na sala de aula, né?" – diferentes usos de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral da língua inglesa em contexto da escola pública pelo viés da teoria sociocultural. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 140-167, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

demonstra a preocupação da professora com a aprendizagem do aluno, assim como a disposição dela para aprender. Cria-se, destarte, uma Zona de Desenvolvimento Proximal (VYGOTSKY, 2005) entre estes participantes. Observamos neste episódio que a professora não apenas ensina, mas também está disposta a aprender, isto é, ela coloca-se não apenas como aquela que ensina ou "transmite" o conhecimento, mas também aprende e precisa da ajuda e colaboração de seus alunos para uma prática de ensino atrelada às necessidades dos aprendizes em seu próprio contexto sociocultural (TÍLIO, 2008, 2019).

Possivelmente pelo fato de haver ouvido a conversa entre ANN e LÊNIN sobre o aplicativo Duolingo, alguns segundos depois vemos ANDRI pedindo auxílio à professora para ajudá-la com o aplicativo, pois ela pensa ter feito algo de errado. ANDRI reconhece sua falta de conhecimento ao usar o aplicativo, pedindo a ajuda de alguém mais capaz (um MKO) de maneira a sanar suas dúvidas. Novamente, a professora toma o lugar de uma MKO a fim de auxiliar ANDRI, colaborando para a aprendizagem ocorrer em um ambiente com conflitos presentes, mas suavizados pelo desejo inerente pelo aprender (JOHNSON, 2009).

O próximo excerto demonstra uma participação da turma do 9º ano em uma conversa um dia após a aula que havia ocorrido recentemente:

Excerto 2 – Interação de participantes em grupo do WhatsApp	
12	[14:20, 23.08.2020] <b>JOSH</b> (A): Hey pipou (2)
13	[14:25, 23.08.2020] <b>JOSH</b> (T): Next week we need entregar (in English?) the
14	homework about the city and we need make the exercise about the Duolingo,
15	remember?
16	[14:26, 23.08.2020] <b>LÊNIN</b> (A): Ah, <i>I don't like(.) that green owl</i>
17	[14:27, 23.08.2020] <b>LÊNIN</b> (T): ¬_¬
18	[14:28, 23.08.2020] <b>ANDRI</b> (T): What???
19	[14:28, 23.08.2020] <b>ÉRICA</b> (T): Yes, this is true
20	[14:29, 23.08.2020] <b>FERNANDA</b> (T): Sure, I made it at midday, LOL
21	[15:02, 23.08.2020] <b>TEACHER ANN</b> (A): <i>Very good</i> , Fernanda! You're a <i>good</i>
22	<i>student!</i> (1) Entregar is hand in, Josh. People, send <u>voice messages</u> (1) the <u>focus</u>
23	is oral messages, remember?
24	[15:03, 23.08.2020] <b>TEACHER ANN</b> (A): People (.), don't forget this <u>activity</u> (.)
25	is for the <i>next week</i> (2), okay? †It is very important, <i>right TEACHER MARLON?</i>
26	[15:47 23.08.2020] <b>TEACHER MARLON</b> (A): Folks(.), <i>I am here to help you with</i>
28	<i>teacher Ann</i> . You can send me a message <u>here</u> or <u>inbox</u> to me, you understand?†
29	[15:50, 23.08.2020] <b>JACK BLACK</b> (A): Ah, teacher, this is easy, haha
30	[15:51, 23.08.2020] <b>JOSH</b> (A): I <u>can make this activity</u> on Friday only.

RIO, Marlon Machado Oliveira; NICOLAIDES, Christine Siqueira. "Olha, teacher, acho que dá pra gente usar isso na sala de aula, né?" – diferentes usos de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral da língua inglesa em contexto da escola pública pelo viés da teoria sociocultural. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 140-167, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

<b>31</b>	[15:52, 23.08.2020] <b>JOSH</b> (A): <u>LÊNINI</u> can help you with the green owl, buddy
<b>32</b>	(2) don't worry.
<b>33</b>	[15:52, 23.08.2020] <b>NICOLE</b> (T): LOL??? HELP titcher!!!! ( <u>Help é socorro né?</u> )
<b>34</b>	please:'C
<b>35</b>	[15:57, 23.08.2020] <b>LÊNIN</b> (A): Okey donkey (1), thank you my friend! (2) ↑
<b>36</b>	[15:59, 23.08.2020] <b>NICOLE</b> (A): Olha, <u>teacher</u> /tʃi:tʃər/, acho que dá pra gente
<b>37</b>	usar isso na sala de aula, né? ↑Eu <u>até que curti</u> essa coruja, essas coisa aí (.).
<b>38</b>	[16:04, 23.08.2020] <b>TEACHER MARLON</b> (A): Whynot? Of course! One minute, Nicole.

JOSH, de maneira a demonstrar seu humor peculiar, inicia a conversa com o uso da palavra *pipou*, alongando o final do lexema para chamar a atenção da turma. Após enviar o áudio (representado pela letra A em parêntesis – (A)), ele envia um pequeno texto, usando ao máximo o inglês que sabia, ao mesmo tempo que usa a palavra *entregar*, pedindo pela tradução desta (em parêntesis). Percebemos aqui JOSH pedindo por colaboração em sua produção linguística (WERTSCH, 1993), ao mesmo tempo que, porventura por medo de cometer algum erro diante dos colegas no grupo (HORWITZ, 2010; ARAGÃO, 2017) ou para conseguir expressar suas ideias da melhor maneira possível, ele não envia uma segunda mensagem em áudio, mas, troca a produção oral pelo texto escrito (representado pela letra T em parêntesis – (T)). Apesar da falta de algumas partículas (como o *to*, após o uso do verbo *need*), Josh consegue comunicar com sucesso sua mensagem, conforme percebemos que ela começa a fluir a partir de sua fala. JOSH lembra à turma de que eles precisam realizar a tarefa sobre a cidade e realizar a atividade do aplicativo Duolingo, tentando auxiliar seus colegas (JOHNSON, 2009)

LÊNIN, novamente, demonstra sua indignação com a *coruja verde* (o aplicativo Duolingo), ao enfatizar que não gosta dela. Algo interessante de se notar é o uso do emoticon que enfatiza seu desprezo pelo aplicativo (representado por “\_:\_:”)”. Conforme aponta Paiva (2013), o uso de tecnologias permite a presença de características multimodais e multissemióticas para a produção e compreensão de sentido. Isto pode ser visto na fala de LÊNIN, expressada tanto por aspectos orais, como textuais e o uso de emoticons.

Andri, ao ler as mensagens de LÊNIN e Josh, envia uma pequena mensagem dizendo “*What???*”. O uso excessivo de pontos de interrogação possivelmente enfatiza a sua dúvida ao tentar entender a mensagem de Josh e LÊNIN, demonstrando estar provavelmente “perdida” sobre o que estavam falando e ao mesmo tempo sobre o que deveria fazer. ÉRICA concorda com o que foi dito anteriormente, ao

RIO, Marlon Machado Oliveira; NICOLAIDES, Christine Siqueira. "Olha, teacher, acho que dá pra gente usar isso na sala de aula, né?" – diferentes usos de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral da língua inglesa em contexto da escola pública pelo viés da teoria sociocultural. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 140-167, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

dizer "Yes, this is true". Logo após a mensagem de ÉRICA, vemos FERNANDA enviando uma pequena mensagem em texto, ao dizer que já havia realizado o exercício ao meio-dia, ao mesmo tempo que faz uso criativo da expressão "LOL" (Laughing out loud – risada alta). Fernanda apresenta-se possivelmente como alguém mais capaz linguisticamente (uma MKO), ao satirizar o fato de já haver realizado a tarefa antes de seus colegas (VYGOTSKY, 2005).

Depois de um intervalo de aproximadamente 30 minutos, a professora ANN envia uma mensagem ao grupo parabenizando Fernanda (linha 19), reforçando que ela é uma "good student". Na mesma mensagem, percebemos o *feedback* da professora a Josh, auxiliando-o ao dizer que *entregar* em inglês, neste contexto, seria *hand in*. A docente, novamente, demonstra sua colaboração e preocupação em responder e em auxiliar seus alunos (JOHNSON, 2009), agora, em um outro ambiente, o ambiente virtual, potencializando seu escopo de atuação e colaboração com os aprendizes além da sala de aula (SUN, 2009). Nota-se também a relevância que a professora dá para o uso de mensagens de áudio, ao pedir para os alunos enviarem mensagens de voz ("the focus is oral messages, remember?" – linha 20), de maneira que eles pudessem desenvolver a produção oral no idioma.

No minuto seguinte a professora lembra aos aprendizes, em mensagem de áudio, que eles não deveriam esquecer de realizar a atividade do aplicativo para a próxima semana, enfatizando que a atividade "isveryimportant". Nota-se aqui a positiva colaboração que a professora tem com seus alunos e também com o TEACHER MARLON, ao mencionar seu nome (*right, teacher TEACHER MARLON?* – linha 22), ao também fazer uso de palavras razoavelmente semelhantes em português e inglês, tais como *activity* e *important*, ao mesmo tempo que ela fala mais pausadamente, com o possível intuito de que os aprendizes entendam o inglês que está usando, como uma maneira de facilitar o entendimento (ARAGÃO, 2017).

TEACHER MARLON também envia, aproximadamente quarenta minutos depois, uma mensagem enfatizando a ajuda que ele oferecia aos alunos, ao dizer que estava lá para ajudá-los *juntamente* com a professora ANN. Ele oferece ainda a ajuda aos aprendizes, ao dizer que eles poderiam enviar a mensagem para ele dentro do grupo ou em particular (*inbox*). Esta atitude demonstra certo cuidado do professor com os alunos, pelo fato de pedir para que, se possível, os estudantes enviem a mensagem em modo privado, a fim de que eles se sintam mais à vontade para se expressarem em inglês. Apesar de os aprendizes não estarem se vendo no momento, nota-se sutilmente que apresentam

RIO, Marlon Machado Oliveira; NICOLAIDES, Christine Siqueira. "Olha, teacher, acho que dá pra gente usar isso na sala de aula, né?" – diferentes usos de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral da língua inglesa em contexto da escola pública pelo viés da teoria sociocultural. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 140-167, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

certa vergonha ou medo de errarem ao escrever ou falar em inglês (HORWITZ, 2010).

JACK BLACK responde TEACHER MARLON, dizendo que a atividade é muito fácil ("this is easy"), ao passo que JOSH em mensagem de áudio afirma que apenas na sexta-feira ele consegue realizar a atividade. Um minuto depois, nota-se JOSH desejando auxiliar LÊNIN, ao chamá-lo de amigo (buddy) e que ele não deveria se preocupar com a coruja verde (Green owl). A atitude de Josh demonstra sua preocupação com a frustração de LÊNIN, ao mesmo tempo que sua colaboração com o desenvolvimento linguístico do colega e amigo (JOHNSON, 2009).

Percebemos também que NICOLE parece estar perdida quanto ao que precisa fazer, ao usar em excesso pontos de interrogação e exclamação. Nicole, de maneira bem diferente do que encontramos em livros didáticos, com produções linguísticas corretíssimas, consegue comunicar sua frustração, ao fazer uso tanto da língua inglesa como do português (BROWN & LEE, 2015). Ela exprime sua necessidade de ajuda ao empregar a frase em parêntesis ("help é socorro né?"), uma vez que possivelmente não sabia expressar isto em inglês. Vemos também NICOLE fazendo uso do emoticon que representa sua tristeza ao não entender o que está sendo falado no grupo (pelo uso de: 'C).

LÊNIN, possivelmente ignorando a mensagem de NICOLE, responde a Josh usando a expressão *okey donkey*, agradecendo seu amigo logo em seguida. NICOLE, novamente, apesar das dificuldades, envia destemidamente um áudio à turma, afirmando à "teacher" (no entanto com o som de /tʃi:tʃər/), que gostou do aplicativo ("curti essa coruja, essas coisas aí"). NICOLE revela em sua fala que, mesmo com dificuldades, está disposta a aprender com a colaboração dos colegas (BURNS & GOH, 2012), uma vez que lhe foi oferecida uma chance e uma oportunidade a aprender inglês com o uso de uma ferramenta que antes era muito evitada em sala de aula: seu próprio celular (SANTOS, 2017). Alguns minutos depois, TEACHER MARLON envia uma mensagem em resposta a NICOLE, dizendo implicitamente que pode ajudá-la, ao dizer que com certeza ("of course", linha 34) poderia ajudar a aluna após algum tempo ("One minute").

Respondendo, então, a primeira pergunta deste artigo, (*Como se desenvolve a relação dos alunos com o uso de tecnologias digitais para o desenvolvimento da produção oral em inglês?*), percebemos que o relacionamento dos aprendizes com o uso de tecnologia parece ser bastante aberto para o desenvolvimento da oralidade, conforme vemos nos dois excertos por ora apresentados. Notamos as dificuldades relatadas por LÊNIN, ao dizer que não gostava do aplicativo *Duolingo*,

RIO, Marlon Machado Oliveira; NICOLAIDES, Christine Siqueira. "Olha, teacher, acho que dá pra gente usar isso na sala de aula, né?" – diferentes usos de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral da língua inglesa em contexto da escola pública pelo viés da teoria sociocultural. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 140-167, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

tanto presencialmente, quanto no contexto online. Apesar de conseguir se expressar razoavelmente bem em inglês, seu desconhecimento do uso de tecnologias digitais parece frustrá-lo, levando-o algumas vezes a expressar com grande ênfase sua dificuldade por meio de um sentimento de rejeição, dado que corrobora estudos relacionados ao uso de tecnologias digitais por aprendizes em outros contextos (ARAGÃO, 2017; PAIVA, 2018). Apesar das dificuldades (não enviar muito no ambiente online mensagens em áudio e mais em textos, a aparente timidez de aprendizes como NICOLE e ANDRI ao se comunicarem no grupo, entre outros), os aprendizes conseguem produzir sentido inteligível, isto é, que é compreensível por todos dentro do contexto sociocultural em que estão online, em sua comunidade organizada virtualmente. Mais do que focar nas estruturas linguísticas extremamente corretas (ALMEIDA, 2013; CORREA, 2014), a comunicação foi priorizada dentro das interações realizadas dentro e fora da escola (PINHO, 2013; YANGUAS & FLORES, 2014). Nota-se também a presença de produção de sentido multimodal por parte dos aprendizes, uma vez que estes fazem uso tanto de textos escritos quanto orais, bem como fazem o uso de emoticons para expressarem seus sentimentos (PAIVA, 2016).

Em relação à pergunta dois (*Como ocorre a relação da professora de inglês com o uso de tecnologias digitais para o desenvolvimento da produção oral de seus alunos em inglês?*), a professora demonstrou ser bastante aberta para o uso de tecnologias digitais (SANTOS, GAMERO, GIMENEZ, 2014), auxiliando sempre que possível os aprendizes por meio de palavras que atenuavam suas exigências, como visto no primeiro episódio de ANN e LÊNIN, ao mesmo tempo que ela demonstrou seu cuidado ao enviar mensagens de áudio no grupo em uma velocidade mais lenta, a fim de facilitar a compreensão dos aprendizes (ARAGÃO, 2017). A professora também demonstrou não possuir tecnofobia (THORNBURY, 2002), ao mesmo tempo que reconhece o quanto pode ainda aprender e crescer profissionalmente ao usar tecnologias digitais ao desenvolvimento da oralidade (LUCAS, 2001), ampliando seu escopo de atuação e de influência na vida de seus alunos (PAIVA, 2018).

Com relação à pergunta três (*Há indícios de colaboração entre os participantes da pesquisa quanto ao desenvolvimento da produção oral por meio do uso de tecnologias digitais?*), podemos sumariamente dizer que em praticamente todos os momentos observados notamos a colaboração do tipo aluno-aluno, professor-professor e professor-aluno (JOHNSON, 2009). Destarte, podemos ver a relevância de atividades

RIO, Marlon Machado Oliveira; NICOLAIDES, Christine Siqueira. "Olha, teacher, acho que dá pra gente usar isso na sala de aula, né?" – diferentes usos de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral da língua inglesa em contexto da escola pública pelo viés da teoria sociocultural. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 140-167, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

atreladas e significativas ao contexto sociocultural dos aprendizes, nas quais eles têm a oportunidade de falar de si mesmos para o mundo (TÍLIO, 2019). Em diferentes momentos percebe-se que o sentido construído pelos aprendizes em suas interações emerge dentro de suas próprias práticas sociais (TÍLIO, 2008; JOHNSON, 2009), como os exemplos dos enunciados elucidados por Nicole (linhas 35, 38), os quais, embora incompletos para uma visão estruturalista da língua (CORREA, 2014), conseguem expressar suas dificuldades e abertura para a aprendizagem.

## **5. Considerações preliminares e desdobramentos futuros**

O presente estudo, de modo sucinto, apresentou a pesquisa realizada durante o período de doutoramento de um dos autores deste artigo, uma experiência de desenvolvimento da oralidade de alunos de um nono ano em uma escola pública no Rio Grande do Sul por meio do uso de tecnologias digitais via uma perspectiva sociocultural (WERTSCH, 1993; VYGOTSKY, 2005). Conforme pudemos ver, as tecnologias digitais ofereceram diferentes oportunidades para os participantes da pesquisa desenvolverem a oralidade em inglês, o que corrobora com resultados apresentados na literatura acadêmica (ARAGÃO, PAIVA, JUNIOR, 2017; PAIVA, 2018). Por meio do uso de tecnologias digitais, torna-se possível mudar um pouco do cenário apresentado em diferentes estudos sobre as dificuldades que aprendizes e professores possuem para o desenvolvimento da oralidade (FRAGOZO & MONAWAR, 2012; MICCOLI, 2017).

Tanto os aprendizes quanto a professora demonstraram suas dificuldades com o uso das tecnologias digitais (THORNBURY, 2002; PINHO, 2013). Contudo, estas foram sendo sanadas na medida em que diferentes momentos de interação e colaboração surgiam para que cada participante aprendesse um com o outro (YANGUAS & FLORES, 2014), ressaltando o papel da participação colaborativa no desenvolvimento linguístico do ser humano (JOHNSON, 2009). A professora reconheceu suas dificuldades com o uso da tecnologia, mas, ao mesmo tempo consegue externar sua vontade de aprender e tomar parte do ensino para conseguir se desenvolver profissionalmente em suas práticas pedagógicas (ARAGÃO, 2017; MICCOLI, 2017).

Pudemos notar similarmente que as tecnologias digitais permitiram aos aprendizes produzirem sentido de diferentes maneiras (BUZATO, 2006; MOITA LOPES, 2010). Em nosso segundo excerto, vimos como os aprendizes conseguiram se comunicar por meio do uso

RIO, Marlon Machado Oliveira; NICOLAIDES, Christine Siqueira. "Olha, teacher, acho que dá pra gente usar isso na sala de aula, né?" – diferentes usos de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral da língua inglesa em contexto da escola pública pelo viés da teoria sociocultural. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 140-167, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

de mensagens escritas, áudios e emoticons, o que poderia ter sido feito também com imagens, áudios ou vídeos. Tal heterogeneidade de possibilidades de construção de sentido demonstra a atual era em que vivemos (NUSHI & MAKIABADI, 2018), época tão rápida como um clique de um mouse (GÜLCAN, 2017), mas que oferece inúmeras possibilidades tanto para os nativos quanto imigrantes digitais (PRENSKY, 2010) colaborativamente aprenderem uns com os outros. Afinal, aprender idiomas de maneira autêntica, relevante e sensivelmente contextualizada às necessidades destes aprendizes é um direito garantido por lei (TILIO, 2019), permitindo a estes que possam, em um momento futuro, atuarem de maneira participativa e equânime em diferentes setores da sociedade, ao diminuírem exclusões digitais e sociais de uma aprendizagem de qualidade de idiomas.

Como desdobramento deste estudo, incentivamos significativamente maiores estudos sobre as potencialidades das tecnologias digitais para diferentes contextos, com diferentes ferramentas e em diferentes momentos e níveis linguísticos. Durante esta pesquisa de doutorado brevemente aqui relatada, foi possível perceber que é tangível criar pontes e não muros entre a universidade e o ambiente escolar. Com isto, podemos vivenciar a colaboração não apenas sobre os prismas de desenvolvimento linguístico, mas também humano e cidadão, em que a universidade não é tida apenas como um ambiente com pessoas que podem ensinar (MKO, pelo viés da TSC (VYGOTSKY, 1997)), mas que podem em muito aprender com a escola, com os sujeitos e a realidade que lá existe.

## **Referências bibliográficas**

ALMEIDA, D. B. S. Leitura em Língua Inglesa: entre a teoria e a prática. *Interdisciplinar*, Edição Especial ABRALIN/SE, Ano VIII, v (1), p. 441-454, 2013.

ARAGÃO, R. C. Emoções e ações de professores ao falar inglês no WhatsApp. *RBLA*, Belo Horizonte, v. 17, n.1, p. 83-112, 2017

ARAGÃO, R. C.; SANTOS, M. O ensino de inglês no pós-método: as contribuições dos objetos digitais. *Tabuleiro de Letras*, V. 9, n. 2, p. 38-49, 2015.

RIO, Marlon Machado Oliveira; NICOLAIDES, Christine Siqueira. "Olha, teacher, acho que dá pra gente usar isso na sala de aula, né?" – diferentes usos de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral da língua inglesa em contexto da escola pública pelo viés da teoria sociocultural. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 140-167, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

ARAGÃO, R. C; PAIVA, V. L. M. O; JUNIOR, R. C. G. Emoções no desenvolvimento de habilidades orais com tecnologias digitais. *Calidoscópico*, Vol. 15, n. 3, p. 557-566, 2017.

ARIFIN, W. L. Psychological Problems and Challenge in EFL Speaking Classroom. *Language & Language Teaching Journals*, v. 10, n.1, p. 29-47, 2017.

BATTISTELLA, T. R. *Um olhar sociocultural sobre o feedback corretivo oral na sala de aula de língua estrangeira*. Tese (Linguística Aplicada) Universidade do Vale do dos Sinos, 2015.

BATZIAKAS, B. Communicative practices in English as a lingua franca Interactions: some examples from Asian university students in London. *Asian Englishes*, 19(1), p.44-56, 2017.

BROWN, H. D; LEE, W. G. *Teaching by Principles: an interactive approach to language pedagogy*. 4<sup>th</sup> edition. Longman Pearson Education, 2015.

BURNS, A; GOH, C. *Teaching Speaking: A Holistic approach*. Cambridge University Press, 2012.

BUZATO, M. E. K. Letramento digital: um lugar para pensar em internet, educação e oportunidades. In: *CONGRESSO IBERO-AMERICANO EDUCAREDE*, 3., São Paulo, 2006. Anais. São Paulo: CENPEC, 2006. s/p.

CLAREY, J. E-Learning 101: An Introduction to E-Learning, Learning Tools, and Technologies, April 2007, *Brandon Hall Research*, USA, 2007.

CORREA, D. A. Práticas linguísticas e ensino de língua: variáveis políticas. In: CORREA, D. A. (Org.). *Política linguística e ensino de língua*. v. 1. Campinas: Pontes, p. 21-37, 2014.

COSTA, G. S. *MOBILE LEARNING: Explorando potencialidades com o uso do celular no ensino - aprendizagem de língua inglesa como língua estrangeira com alunos da escola pública* Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal de Pernambuco. 201, 2013.

FERREIRA, S. L; BIANCHETTI, L. As tecnologias da informação e da comunicação e as possibilidades de interatividade para a educação.

RIO, Marlon Machado Oliveira; NICOLAIDES, Christine Siqueira. "Olha, teacher, acho que dá pra gente usar isso na sala de aula, né?" – diferentes usos de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral da língua inglesa em contexto da escola pública pelo viés da teoria sociocultural. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 140-167, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

*Revista da FAEEBA*. Educação e Contemporaneidade. Salvador, v. 13, n. 22, PP. 253 – 263, jul./ dez., 2004.

FRAGOZO, C. S; MONAWAR, M. D. S. English teaching and learning in Brazilian regular schools and language schools: a study on teachers' beliefs. *Journal of Education and Learning*; v. 1, (2), 2012.

GILMORE, A. A comparison of textbook and authentic interactions. *ELTJournal* v.58, nº 4, p.363-374, 2004.

GRÜBLER, A. *Technology and Global change*. 2<sup>nd</sup> Edition. Cambridge University Press, 2015.

GÜLCAN, Ç. E. So natürlich wie möglich, so künstlich wie nötig! Zur Förderung der Sprechfertigkeit im universitären Kontext. *Dyalog*, v. 1, n.1, p.151-170, 2017.

HORWITZ, E. K. Language anxiety and achievement. *Annual Review of Applied Linguistics*, 21, p. 112-126, 2001.

HORWITZ, E. K. Foreign and second language anxiety. *Language Teaching*, 43, 154-167, 2010.

HUGHES, R. *Teaching and Researching Speaking*. 2nd Edition. Applied Linguistics in Action. Longman, Pearson, 2011.

JOHNSON, K. E. *Second Language Teacher Education: a sociocultural perspective*. New York: Routledge, 2009.

JOHNSON, B; CHRISTENSEN, L. *Educational Research: Quantitative, Qualitative, and Mixed Approaches*, SAGE Publications, Fifth edition, 2013.

KRAMSCH, C. &SULLIVAN, P. Appropriate pedagogy. *ELT Journal*, 50, p. 199–212, 1996.

LEFFA, V. J. Ensino de línguas: passado, presente e futuro. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 389-411, 2012.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

RIO, Marlon Machado Oliveira; NICOLAIDES, Christine Siqueira. "Olha, teacher, acho que dá pra gente usar isso na sala de aula, né?" – diferentes usos de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral da língua inglesa em contexto da escola pública pelo viés da teoria sociocultural. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 140-167, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

LUCAS, S. E. *The art of public speaking*. 7 Ed. Singapore: McGraw-Hill, 2001.

LUOMA, S. *Assessing speaking*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MICCOLI, L. Experiências de professores no ensino de língua inglesa: uma categorização com implicações para o ensino e a pesquisa. *Linguagem & Ensino*, 10(1), 47-86, 2007.

MOITA LOPES, L.P. Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, vol. 49, nº 2, jul/dez, pp. 393-417, 2010.

MOITA LOPES, L. P. Inglês no mundo contemporâneo: ampliando oportunidades sociais por meio da educação. Texto-base do Simpósio da TIRF (TESOL International Research Foundation), realizado em São Paulo, mimeo, 2005.

NUSHI, M., & MAKIABADI, H. HelloTalk: A Language Exchange App on your Smartphone. *Roshd Journal of Foreign Language Teaching*, 33(2), p.16-23, 2018.

PAIVA, V. L. M. O. Letramento digital através de narrativas de aprendizagem de língua inglesa. *CROP*, v. 12, p.1-20, 2007.

PAIVA, V. L. M. O. A formação do professor para uso da tecnologia. In: SILVA, K.A.; DANIEL, F. G.; KANEKO-MARQUES, S. M.; SALOMÃO, A. C. B. (Orgs) *A formação de professores de línguas: Novos Olhares - Volume 2*. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 209-230, 2013.

PAIVA, V. L. M. O. *O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras: breve retrospectiva histórica*. Disponível em <<http://www.veramenezes.com/techist.pdf>>. Acesso em: 28. Oct. 2016.

PAIVA, V. L. M. O. A LINGUAGEM DOS EMOJIS. *Trab. linguist. apl.*, Campinas, v. 55, n. 2, p. 379-401, Aug. 2016.

PAIVA, V. L. M. O. Tecnologias digitais para o desenvolvimento de habilidades orais em inglês. *DELTA*, São Paulo, v. 34, n. 4, p. 1319-1351, 2018.

RIO, Marlon Machado Oliveira; NICOLAIDES, Christine Siqueira. "Olha, teacher, acho que dá pra gente usar isso na sala de aula, né?" – diferentes usos de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral da língua inglesa em contexto da escola pública pelo viés da teoria sociocultural. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 140-167, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

PENUEL, W. R.; WERTSCH, J. V. Vygotsky and identity formation: a sociocultural approach. *Educational Psychologist*, v. 30, n. 2, p. 83-92, 1995.

PINHO, I. da C. *A tarefa colaborativa em inglês como língua estrangeira no ambiente virtual*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) Universidade do Vale do dos Sinos, 2013.

POP, A.; TOMULETIU, E.A.; DAVID, D. EFL speaking communication with asynchronous, voice tools for adult students. *Procedia: Social and Behavioral Sciences*, v.15, n.2, p.1199–1203, 2011.

PRENSKY, M. *Teaching digital natives: partnering for real learning*. Corwin Edition, 2010.

RIO, M. M. O; PASIN, D. M. DELGADO, H. O. K. EPALS: Integrating technology and culture in the English scenario. In: Jaime Cará Jr e Luciana Locks. (Org.). *ENTORNOS & CONTORNOS 7: Educação, Cultura e Comunicação na Era da Internet*. 1ed. São Paulo: Editora CNA, v. 7, p. 64-89, 2015.

RIO, M. M. O; GUIMARAES, A. L. M; DELGADO, H. K. O. Os efeitos da ansiedade na habilidade oral em língua inglesa - estratégias para o professor em sala de aula. *XII Sepesq - Semana de Extensão Pesquisa e Pós-graduação*. Porto Alegre: Uniritter Laureate International Universities, 2016. v. 1. p. 1-12.

SANTOS, A. G. *Estudo de uma ferramenta online para o ensino de inglês: subsídios para uma política pública*. Dissertação de Mestrado (Educação), Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2017.

SANTOS, L. M. A; GAMERO, R; GIMENEZ, T. N. Letramentos digitais, interdisciplinaridade e aprendizagem de língua inglesa por alunos do ensino médio. *Trab. Ling. Aplic., Campinas*, 53.1: p. 79-102, 2014.

SCHLATTER, M.; GARCEZ, P. M. *Línguas adicionais na escola: aprendizagens colaborativas em inglês*. Erechim: Edelbra, 2012.

SHULMAN, L. Those who understand: Knowledge growth in teaching. *Educational Researcher*, 15(2), p. 4–14, 1986.

RIO, Marlon Machado Oliveira; NICOLAIDES, Christine Siqueira. "Olha, teacher, acho que dá pra gente usar isso na sala de aula, né?" – diferentes usos de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral da língua inglesa em contexto da escola pública pelo viés da teoria sociocultural. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 140-167, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

SUN, Y.C. Voice blog: An exploratory study of language learning. *Language Learning & Technology*, 13(2): 88–103, 2009.

SZUNDY, P. T. C. Zones of conflicts and potentialities in the process of becoming an EFL teacher. *RBLA*, Belo Horizonte, v. 12, n. 3, p. 511-531, 2012.

THORNBURY, S. How to Teach Speaking. England: Pearson Education Limited, 2002

TILIO, R. Uma pedagogia de letramento sociointeracional crítico como proposta para o ensino de línguas na contemporaneidade por meio de uma abordagem temática. In: FINARDI, Kyria; SCHERRE, Marta; VIDON, Luciano. (Org.). *Língua, discurso e política: desafios contemporâneos*. Campinas: Pontes, 2019, p. 187-210.

TILIO, R. Reflexões sobre o ensino e aprendizagem de língua estrangeira. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*. v.VII, p.118 - 143, 2008.

VYGOTSKY, L. S. *Educational Psychology*. Boca Raton, FL: St. Lucie Press, 1997.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. 3ª ed. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

WERTSCH, J. V. *Vygotsky and the social formation of mind*. Cambridge, MA/London, England: Harvard University Press, 1985.

WERTSCH, J. V. *Voices of the mind: a sociocultural approach to mediated action*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1993.

WERTSCH, J. V.; TULVISTE, P. L. S. Vygotsky and contemporary developmental psychology. *Developmental psychology*, v. 28, n. 4, p. 548-557, 1992.

YANGUAS, I.; FLORES, A. Learners' willingness to communicate in face-to-face versus oral computer mediated communication. *Jalt Call Journal*, v.10, n.2, p.83-103, 2014.

RIO, Marlon Machado Oliveira; NICOLAIDES, Christine Siqueira. "Olha, teacher, acho que dá pra gente usar isso na sala de aula, né?" – diferentes usos de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral da língua inglesa em contexto da escola pública pelo viés da teoria sociocultural. *Revista Intercâmbio*, v.XLV: 140-167, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

ZHOU, L; WU, S; ZHOU, M; LI, F. 'School's Out, But Class' On', The Largest Online Education in the World Today: Taking China's Practical Exploration During The COVID-19 Epidemic Prevention and Control as an Example of Best Evidence. *Chinese Education*, v.4 (2), p.501-519, 2020.

### **Anexo 1 – Transcrição de acordo com o estudo de Batziaka (2017)**

(.): pausa até 1 segundo

=: discurso de bloqueio

(número): pausa superior a 1 segundo

↑: entonação crescente

[ ]: fala sobreposta

palavra em *itálico*: o foco do episódio analisado

palavra sublinhada: ênfase

() : informações relacionadas ao enunciado

><: taxa de entrega mais rápida